

Bataille leitor de Sade: um ensaio sobre o desencadeamento do prazer

Bataille reader of Sade: an essay on the unleashing of pleasure

Bataille lector de Sade: Un ensayo sobre el desencadenamiento del placer

Francisco Atualpa Ribeiro Filho¹

Resumo

RIBEIRO FILHO, F. A. Bataille leitor de Sade: um ensaio sobre o desencadeamento do prazer. *Rev. C&Trópico*, v. 48, n. 1, p. 87-112, 2024. Doi: [https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1\(2024\)2265](https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1(2024)2265)

O ensaio “Bataille leitor de Sade: um ensaio sobre o desencadeamento do prazer” aborda a relação entre o Marquês de Sade e o conceito de prazer, com base na interpretação proposta por Georges Bataille em “O Erotismo” (2017) e em “A Literatura e o Mal” (2025). Sade é reconhecido por explorar temas como a transgressão, o sadismo e o prazer em suas obras, desafiando as normas morais e sociais de sua época. No entanto, Bataille propõe uma leitura mais profunda das intenções de Sade, sugerindo que seu objetivo era elevar à consciência a desordem, o mal e o prazer que sempre foram negados pela sociedade, tendo os sistemas racionalistas como fundamento. Bataille argumenta que Sade utilizou suas obras como meio de expor e confrontar as repressões sociais em torno do prazer, buscando uma compreensão mais ampla e complexa da natureza humana. Para Bataille, Sade não apenas desencadeou o prazer em suas narrativas, mas também visava desafiar as estruturas sociais que o reprimiam, elevando o prazer à categoria de algo consciente e aceitável, mesmo que moralmente condenável. O ensaio além de examinar como a interpretação de Bataille lança luz sobre a obra de Sade, flerta com as análises de Adorno e Horkheimer em “Juliette ou o Esclarecimento Moral” (1985) destacando seu papel como um provocador intelectual que confrontou as convenções sociais e morais de sua época, ao mesmo tempo em que explorava os limites e as contradições do prazer humano.

Palavras-chave: Sade. Bataille. Desencadeamento do Prazer.

Abstract

RIBEIRO FILHO, F. A. Bataille Reader of Sade: An Essay on the Unleashing of Pleasure. *Rev. C&Trópico*, v. 48, n. 1, p. 87-112, 2024. Doi: [https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1\(2024\)2265](https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1(2024)2265)

The essay 'Bataille Reader of Sade: An Essay on the Unleashing of Pleasure' explores the relationship between the Marquis de Sade and the concept of pleasure, based on the interpretation proposed by Georges Bataille in 'The Erotism' (2017) and 'Literature and Evil' (2015). Sade is recognized for exploring themes such as transgression, sadism, and pleasure in his works, challenging the moral and social norms of his time. However, Bataille proposes a deeper reading of Sade's intentions,

¹ Mestre em filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: farf25@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2256-4336>

suggesting that his goal was to bring to consciousness the disorder, evil, and pleasure that had always been denied by society, with rationalist systems as a foundation. Bataille argues that Sade used his works as a means to expose and confront social repressions around pleasure, seeking a broader and more complex understanding of human nature. For Bataille, Sade not only unleashed pleasure in his narratives but also aimed to challenge the social structures that repressed it, elevating pleasure to the category of something conscious and acceptable, even if morally condemnable. The essay examines how Bataille's interpretation sheds light on Sade's work and flirts with Adorno and Horkheimer's analyses in 'Juliette or the Moral Enlightenment' (1985), highlighting his role as an intellectual provocateur who confronted the social and moral conventions of his time while exploring the limits and contradictions of human pleasure.

Keywords: Sade. Bataille. Unleashing of Pleasure.

Resumen

RIBEIRO FILHO. F. A. Bataille lector de Sade: Un ensayo sobre el desencadenamiento del placer. *Rev. C&Tropico*, v. 48, n. 1, p. 87-112, 2024. Doi: [https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1\(2024\)2265](https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1(2024)2265)

El ensayo 'Bataille lector de Sade: Un ensayo sobre el desencadenamiento del placer' explora la relación entre el Marqués de Sade y el concepto de placer, basándose en la interpretación propuesta por Georges Bataille en 'El Erotismo' (2017) y 'La Literatura y el Mal' (2015). Sade es reconocido por explorar temas como la transgresión, el sadismo y el placer en sus obras, desafiando las normas morales y sociales de su época. Sin embargo, Bataille propone una lectura más profunda de las intenciones de Sade, sugiriendo que su objetivo era llevar a la conciencia el desorden, el mal y el placer que siempre habían sido negados por la sociedad, con los sistemas racionalistas como base. Bataille argumenta que Sade utilizó sus obras como un medio para exponer y confrontar las represiones sociales en torno al placer, buscando una comprensión más amplia y compleja de la naturaleza humana. Para Bataille, Sade no solo desencadenó el placer en sus narrativas, sino que también buscaba desafiar las estructuras sociales que lo reprimían, elevando el placer a la categoría de algo consciente y aceptable, incluso si moralmente condenable. El ensayo examina cómo la interpretación de Bataille arroja luz sobre la obra de Sade y coquetea con los análisis de Adorno y Horkheimer en 'Juliette o el Esclarecimiento Moral' (1985), destacando su papel como un provocador intelectual que confrontó las convenciones sociales y morales de su tiempo mientras exploraba los límites y contradicciones del placer humanocrecimiento a través de las exportaciones.

Palabras clave Sade. Bataille. Desencadenamiento del Placer.

Data de submissão: 23/03/2024

Data de aceite: 12/06/2024

1. Deve-se queimar Sade?

Prisões, calabouços, torturas e manicômios constituem o ambiente que Donatien Alphonse François de Sade ou apenas Marquês de Sade desenhou mulheres e homens, cujo traço tumultuou a moral cristã e a ordem social conservadora. Suas obras alimentaram o fogo contra o regime absolutista² e insuflaram rebeliões das quais não participou, ao menos na linha de frente. Em meio a clandestinidade, foi ele mesmo o escândalo falante, renegado aos cadafalsos das bibliotecas e alimento indigesto às representações de uma consciência cúmplice do politicamente correto. Trouxe “a má nova de um acordo dos vivos com aquilo que os, do Bem com o Mal, e se poderia dizer: do grito mais forte com o silêncio” (Bataille, 2015, p. 104). Diante disso, Simone de Beauvoir, questiona em seu ensaio de 1955, “deve-se queimar Sade?”.

Sua profética obra “anunciaria ao mesmo tempo Nietzsche, Stirner, Freud e o surrealismo; mas este culto, baseado como todos os cultos num equívoco, divinizando o ‘divino marquês’ acaba, por seu turno, atraíndo-o; quando desejaríamos compreendê-lo, prescrevem-nos adorá-lo” (Beauvoir, 1961, p. 07). Porta-voz de todas as perversões mais cruéis que mulheres e homens da época queriam realizar. Enquanto o clero demonizava o sexo, Sade, o sacraliza conferindo status sagrado e religioso. Contudo, o

² Marquês de Sade viveu 74 anos, passando por momentos marcantes em sua vida. Ele esteve preso na fortaleza de Vincennes e posteriormente na Bastilha, além de ser hospedeiro em Charenton, um sanatório onde passou os últimos anos de sua vida e onde produziu muitas de suas obras. Enfrentou oposição tanto do antigo regime quanto dos revolucionários franceses. Sua estadia na prisão durante o período anterior à queda da Bastilha o tornou um símbolo de denúncia das injustiças e perversões da aristocracia francesa. Posteriormente, em uma França que celebrava ideais de liberdade, Sade tornou-se controverso por ocupar cargos na Assembleia e nos Diretórios. Ele foi considerado um aristocrata moderado pela Revolução, criando uma imagem de homem degenerado que não desafiou totalmente as normas sociais da época.

posto de deus da orgia lhe custou o estigma de sádico que popularmente “significa crueldade; fustigações, sangrias, torturas, mortes: o primeiro traço que fere na obra de Sade é realmente o que a tradição associou ao seu nome” (Beauvoir, 1961, p. 22). Esse traço, segundo Eliane Robert Moraes (2014, p. 09) é ventilado entre os corredores das academias com o “pretexto científico que traz o nome sadismo e mesmo quem tem o cuidado de dissociar o escritor Sade do conceito de sadismo sabe que a principal marca de sua literatura é a associação radical do erotismo e da crueldade”. Uma literatura que reivindica a filosofia, não obstante suas condições incipientes, ao desvelamento de como o homem lida com as relações de poder consigo mesmo e com os outros não poderia declinar diante dessa estigmatização.

Sade não se limitou a discussões estéreis entre bem e mal ou em descobrir e pormenorizar a origem do mal, pois sabia que essa pulsão destruidora germina na própria condição humana e a, partir disto, edifica os pilares de sua escola libertina. Bataille (2017, p. 194) constata, diante dessas situações celeradas, que a literatura atinge a liberdade soberana ao se incorporar a princípios revolucionários e combater ditames monárquicos. Imoralidade no trato, ridicularização e despeito com a nobreza, assédio sexual potencializaram seu projeto literário no âmbito moral, encorajando a luta por liberdade para além das prisões. Os cargos políticos que ocupava lhe dava certo privilégio diante de suas extravagâncias, mas não sabia o significado da palavra limite. Sade satisfez sem restrições, “francamente, ao desejo de uma existência livre de limites”, “mas dentro de limites que a imaginação de Sade ultrapassou”. Sade transformou os 27 anos de cárcere em momentos sagrados, nos quais possibilitaram a criação ininterrupta de

obras como *Os Infortúnios da Virtude* escrita em apenas 15 dias, as vésperas da Revolução Francesa (1789-1799), em sua estadia na Bastilha.

2. Educação libertina

A configuração sadeciana assume a heterologia como ciência que se funda e desdobra-se no outro. O heterogêneo associa-se a elementos sagrados, exuberantes, fétidos e excrementais, compondo, assim, o território do mal. O mundo estranho e sua verdade terrificante abriga uma órbita de objetos opostos como os tabus, o sexo, a morte, o perecível, além disso, ocupa lugar a organização política, sociojurídica e econômica que na visão batailliana perfaz o sistema homogeneizante da utilidade e das coisas. Sade compõe uma espécie de sistema libertino que não se reduz a adjetivos ou caricaturas filosóficas atribuídas aos personagens. Mostra ser ineficaz e impossível lhe conferir sentidos, visto que os escritos sadecianos extrapolam qualquer tentativa de conceituação. Seu pensamento volúvel e materialista engolfa uma questão insolúvel: “a do Mal que ele amava, e do Bem que o condenava”. “De fato, Sade que, amou o Mal, hoje a obra inteira quer tornar o Mal desejável, não podendo condená-lo, tão pouco podia justificá-lo: cada um à sua maneira, os filósofos devassos que ele descreve tentam fazê-lo” (Bataille, 2015, p. 105, grifo nosso). Não podem contudo realizar o exorcismo de suas ações, cuja maldade é o princípio e o benefício dessas postulações pandemoníacas.

Filosofa-se com o intuito de extraviar a forma corriqueira e pacífica que a doutrina racionalista implantou como modelo estrutural reflexivo. O desencadeamento de elementos heterogêneos como sangue menstrual, esperma e excrementos podem transmutar do nível segregado à instância

divina. Essas imagens encarnam os traços dos libertinos de Sade. Porém, seja pela justaposição filosófica de ideias ou pela criação literária, a mulher, o homem, sempre incorrem no risco de retrocederem ao terreno petrificante dos interditos, da homogeneidade. Quanto a isso, pode-se aludir sobre a noção de poesia batailliana que não se encontra no mesmo nível da religião e muito menos submissa à linguagem sagrada, mas sim, a poesia é por si mesma sagrada, pois, a religião é essencialmente um reflexo do gênio poético, em que tudo o que nela existe encontra-se na poesia, estabelecendo uma ligação entre o poeta, a humanidade e o universo. Não obstante, frequentemente, a religião se apresenta como um caráter formal e fixado, moldado pelas conveniências de um grupo específico, o que contamina a poesia com sentimentos subjetivos. (Bataille, 2015).

Sade desafiou a ordem de interditos vindoura para perseguir a continuidade poética e desencadeadora do ser. Tendo o excesso como devoção, o experimentou em todas as formas (im)possíveis. Para Bataille, Sade com seus libertinos brindavam o desejo e por meio de cortes cirúrgicos o objeto os possuía. O crítico literário dialoga com o livro *Sade my neighbor* de Pierre Klossowski³ de 1947 e diverge quanto ao seu posicionamento

³ O trecho que Bataille se refere ao criticar a visão de Klossowski (1905-2001) o que segue: *“Not only does Sade dream; he directs his dream and leads it back to the object that is at the origin of his reverie, as methodically as a skilled religious contemplative whoputs his soul of prayer before a divine mystery. The Chistian soul becomes aware of itsel before God; the romantic soul, which is now but a state nostalgic for faith, becomes conscious of itself in setting up its passion as an absolute, making the state of pathos its life function. The Sadean soul, for its part, becomes conscious of itself only through the object that exasperates its virility and constitutes its consciousness in that state of exasperated virility — which likewise becomes a paradoxical life function. This soul feels itself alive only in exasperation”* (Klossowski, 1991, p. 115). Por ser cristão, o autor associou Sade à doutrina religiosa, uma associação abominável para Bataille. Sade não apenas sonha; ele dirige seu sonho e o leva de volta ao objeto que está na origem de seu devaneio, tão metodicamente quanto um contemplativo religioso brutal que opõe sua alma à oração diante de um mistério

sobre o objeto possuir o sujeito. O objeto não se assemelha a um cristão devotado a Deus (postura de Klossowski), todavia, é um ser humano diante do seu outro que lhe passa a ser indiferente, e diante desta repulsa, o objeto para pertencer-se é necessário exorcizá-lo e extrair dele todo sofrimento (in)suportável para que não haja hierarquia entre sujeito e objeto. O indivíduo em Sade se constitui a partir da destruição do outro, a crueldade e suas manifestações são trunfos para a emancipação do ser.

A educação libertina, tendo sua didática na obra “Filosofia na Alcova” de 1795, promove a volúpia como exercício de revelação do que a Natureza – caótica e violenta – pode fazer ao homem e a promoção de ferramentas para suplantá-la. Assim., para Sade o homem libertino sobrepõe as mazelas que a Natureza lhe apresentou, por exemplo, ao ser acometido por uma enfermidade, tragédia ou prazer, o libertino, não se assusta, não se surpreende, faz blague dessas circunstâncias, uma vez que se antecipou à própria Natureza. A filosofia de Sade em nada se assemelha ao hedonismo, enquanto este cultua e encadeia o prazer, resignando o sofrimento, o libertinismo entende que o sofrimento é necessário, pois para ser libertino, o aprendiz precisa entender que as agonias e perversões sofridas por outros serviram para mostrar que ele perpassa as amarguras naturais.

O libertino supera categorias morais e rótulos, não se indigna, não se espanta com maldades, não se deixa escravizar pelos prazeres, para tornar-se senhor de si mesmo. Sade é leitor de um mal que transpõe o sujeito, um mal

divino. A alma cristã se reconhece diante de Deus; a alma romântica, que agora é apenas um estado nostálgico da fé, torna-se consciente de si mesma ao estabelecer sua paixão como um absoluto, tornando o estado apaixonado, sua função vital. A alma de Sade, por sua vez, só se torna consciente de si através do objeto que exaspera sua virilidade e constitui sua consciência naquele estado de virilidade exasperada – que também se torna uma função de um paradoxo vital. Essa alma se sente viva apenas em exasperação.

como uma máscara que pode prescindir deles, caso esse sujeito não esteja à altura de fazer esse mal. O sujeito libertino deve estar à altura dessa frieza, e aqueles que não tiverem à altura seriam excluídos. Pensa-se um Sade da condição humana e um Sade histórico. Esse Sade que representa o endurecimento do ser, que devem ser carrascos de si mesmo implicando uma denúncia desse mal, uma denúncia que poderia ser seu contrário.

Sade (2013) expressa sua dedicação àqueles que buscam o prazer sensual, chamando-os de “voluptuosos de todas as idades e de todos os sexos”. Ele encoraja essas pessoas a se entregarem às suas paixões, argumentando que são essas paixões que conduzem os seres humanos aos seus verdadeiros fins. Sade desafia os moralistas tradicionais, sugerindo que a busca pelo prazer não deve ser reprimida, mas sim celebrada. Exalta, com isso, a liberdade dos desejos e caprichos individuais, usando o exemplo do personagem Dolmancé, conhecido por suas práticas libertinas. Sade sugere que apenas através da expansão e indulgência dos gostos e fantasias mais extremas se encontra a verdadeira felicidade, mesmo em um mundo que ele descreve como triste e repleto de espinhos.

3. Desencadeamento do prazer: um novo paradigma

A ideia de desencadeamento do prazer, em Sade, expressa a “supressão da diferença entre o sujeito e o objeto”. A postura de Sade ante os paradigmas inteligíveis da tradição filosófica e seu ritmo semelhante de palavras, consistiu na “decisão de subordinar o jogo literário à expressão de um *acontecimento indizível*” (Bataille, 2015, p. 109, *grifo do autor*). Os escritos de Sade, segundo Bataille (2015, p. 109), diferenciam-se daquilo que costumeiramente se denomina de literatura ao se referir às “rochas

desertas, sem reservas, incolores, difere das paisagens variadas, dos riachos, dos lagos e dos campos de que gostamos. Mas teríamos terminado de medir a grandeza de semelhante extensão?”. Sua longa vida se deteve unicamente em levar ao cúmulo da crueldade à exaustão das possibilidades de destruição dos seres humanos e da apatia ante o sofrimento. Isso não versou descrições simbólicas, mas sim, em uma vida, cuja virtude consiste na impassibilidade diante do esfacelamento do outro.

Em “*Cento e vinte dias em Sodoma*”, obra escrita na Bastilha em 1785, expressa a digital de Sade, onde são divididos em quatro sessões de intensidades que oscilam entre simples, complexas, criminosas e assassinas, funcionam como um termômetro para mensurar o grau das paixões sexuais. Desse modo, ele não articula explicitamente os princípios anteriores, mas sugere que a volúpia é intensificada pelo ato criminoso e que quanto mais atroz o crime, maior é o prazer. É evidente como o excesso voluptuoso leva a uma negação do outro, que se torna o princípio fundamental da vida (Bataille, 2017). A constatação batailliana fomenta que, para Sade, nada importa além da satisfação criminosa de seu desejo, negando qualquer princípio (solidariedade, respeito) que obstaculize o gozo. Levou a negação ao ápice do extremo, até ele mesmo ser o reflexo da inutilidade em seu próprio sistema libertino. Sade provoca e adverte o leitor que o espírito do livro traduz sua luta para não ser absoluto, insistindo em manter as perturbações violentas e sem freios⁴.

⁴ *Es ahora, querido lector, cuando tienes que preparar tu corazón y tu espíritu para el relato más impuro que nunca antes haya sido narrado desde que el mundo existe, ya que no se ha encontrado un libro parecido ni entre los antiguos ni entre los modernos. Imaginate que todo el placer aceptado o prescrito por esta bestia de la cual hablas sin cesar y sin conocerla, y que llamas naturaleza, que estos placeres, digo, serán expressamente excluidos de este libro y que si por azar los encuentres irán acompañados de algún crimen*

A cultura enrijeceu o indivíduo delegando-o à violência, escuridão, cegueira e podridão, e à consciência, lucidez e higiene. A consolidação das leis edificou uma consciência de verdade, um modelo de homem que nega qualquer forma de frenesi, cuja seriedade ao encontrar o homem sadeano no exercício dos instantes sexuais desencadeados, contamina-se “a fim de, tomar como avesso e contestar tudo aquilo que os outros tinham por inabalável” (Bataille, 2015, p. 113). Além de Sade conferir imagens inteligíveis às aberrações coléricas, coloriu homens com imperfeições para excitá-los a viverem segundo a Natureza de suas paixões. Bataille destaca que Sade desejou o impossível e o avesso da vida, tendo a sensualidade como mote para a realização de suas taras carnis e deformação do objeto em jogo.

Em outras palavras, Bataille explora a relação entre o impulso erótico e a decadência, sugerindo que o desencadeamento do desejo sexual está intrinsecamente ligado à destruição e à ruína do ser. Ele argumenta que o impulso erótico é desencadeado quando seu objeto correspondente é ativado, mas esse mesmo desencadeamento também leva à ruína do indivíduo, especialmente quando ele ultrapassa os limites da decência. Ele explora a complexidade do desejo sexual e sua relação com a transgressão, a decadência e a ruína do indivíduo. Sugere que o impulso erótico pode ser uma força poderosa que leva à destruição da pessoa que se entrega a ele, especialmente quando ultrapassa os limites aceitáveis de comportamento

o coloreados por alguma infamia (Sade, 2015, p. 70). Agora, caro leitor, quando você tem que preparar seu coração e seu espírito para a história mais impura que nunca foi narrada desde que o mundo existe, já que nenhum livro semelhante foi encontrado entre os antigos ou entre os modernos. Imagine todo o prazer aceito ou prescrito por essa besta da qual você fala sem cessar e sem saber, e que você chama natureza, que esses prazeres, eu digo, serão expressamente excluídos deste livro e que, se por acaso você os encontrar, eles serão acompanhados de algum crime ou coloridos por alguma infâmia (Sade, 2015, p. 70, tradução nossa).

socialmente estabelecidos.

4. Homem normal como expressão do pensamento Cartesiano

Bataille explica que o senso comum, no qual chama de homem ansioso ou normal, constrói categorias racionais seguras que servem para aplacar qualquer dissidência e definir o ritmo da vida. Ao afetar os objetos, mortifica-os, em função de sua instrumentalização, isto é, “nunca é igual ao que não é ele” (Bataille, 2015, p. 115). Acolhe, pensa, reflete somente sobre àquilo que permite, que é tangível e possível aos preceitos do eu cartesiano. Os objetos na filosofia libertina assumem dupla atividade ora são possuídos, ora são despossuidores. A solução para esse empasse opõe-se à postura de Sade, pois na tentativa de beijar o divino, o indivíduo das civilizações antigas, sacrifica para poder experimentar “uma espécie de animação interior, secreta, um frenesi essencial, uma violência que se apossava à ruína” (Bataille, 2017, p. 207). O homem ansioso delegou o fascínio à divindade que acabaram por destruí-los, dissipando a contaminação fúnebre.

Bataille (2015) entende que o indivíduo tenta vincular a ordem infinita à finita, sugerindo que ao tentar "submeter essa imensidão a leis científicas, equiparando o mundo às coisas finitas, ele só se iguala ao seu objeto ao se submeter a uma ordem que o oprime, negando assim o que o distingue da coisa finita subordinada. O crítico literário observa que somente a aniquilação de um outro semelhante pode romper com esse encadeamento.

Esse tipo de destruição repousa no parataxismo contínuo-descontínuo, visto que o homem dos estudos etnográficos, para alcançar o infinito, não foi suficiente levar as chamadas animais (seres naturais, contínuos), foi preciso violentar outro ser humano (descontínuo), atingindo

assim a imensidão. O sofrimento do outro prende-se à zona das coisas úteis e retorna vigorosamente à plenitude da Natureza. Bataille alude ao suplício da cruz, cujo propósito é a destruição e “liga, ainda que cegamente, a consciência cristã a esse caráter pavoroso da ordem divina: o divino só se torna tutelar uma vez satisfeita uma *necessidade de consumir e de arruinar*, que é seu princípio primordial” (Bataille, 2017, p. 208, *grifo nosso*). Porém, o movimento que opera no sacrifício monotoniza a cena e lhe confere ar de uma “totalidade indefinida que não podemos conhecer”, através do ambiente profano que o realizou, visto que “o sacrifício é ao mesmo tempo desencadeamento e medo do desencadeamento” (Bataille, 2015, p. 115). A mecânica dessa imolação se dá com o desprendimento da atmosfera profana mediante a criação de leis que impede sua iminente destruição. A verdade soberana desmascara a verdade profana.

O homem ansioso tem no futuro a expressão de um passado sangrento, todavia não projeta, reivindica ou encara a inumanidade dessas imagens como faz aos escritos de Sade. Além do mais, a coabitação da angústia e da alegria, da intensidade e da morte adjudicava *status* de passividade às oblações e esse medo pueril “conferia sentido ao desencadeamento e o consumo permanecia o fim da atividade útil”, só o desejo, na visão sadeana, é intenso, ativo, dinâmico e potente (Bataille, 2015, p. 115). A religião, para Bataille, não contribuiu para o homem razoável-normal-ansioso na edificação de uma consciência clara e capaz de interpretar, pois diante de tantas barbaridades que essas oblações devotaram não foram capazes de compreender ou identificar seus horrores. Enquanto que “o erotismo de Sade se impõe mais facilmente à consciência do que as antigas exigências da religião: ninguém poderia negar hoje que existem

impulsos que ligam a sexualidade à necessidade de fazer o mal e de matar” (Bataille, 2017, p. 209-210). Mesmo que cause repulsa a leitura da obra de Sade, o termo sádico, já constitui grande contribuição à humanidade, por abrir caminhos de conscientização dessas atrocidades sacrificiais e instintuais.

O homem normal ao ler Sade demonstra horror, definitivamente não consegue lê-lo. Isso ocorre devido ao medo e à covardia, intrinsecamente ligados à necessidade de dar sentido a tudo, “cuja reação primeira é de ver em Sade o possível assassino de sua filha” (Bataille, 2017, p. 206). O homem normal possui o hábito de enriquecer-se a todo custo e quanto mais trabalha mais sente a necessidade de consumir com uma pretensa utilidade. Entretanto, o consumo desenfreado aniquila o ser. Por isso, Bataille pontua que para o homem se tornar soberano e feliz é necessário que a nudez e a desordem ruinosa sejam regras e não o acúmulo de bens supérfluos. No auge da fúria sexual voluptuosa e convulsiva, o homem soberano, não se satisfaz apenas com migalhas, “a conduta erótica se opõe à habitual assim como o gasto à aquisição. A nudez arruína a decência que nos damos com nossas roupas. Queremos um mundo *invertido*, queremos o mundo do *avesso*. A verdade do erotismo é traição” (Bataille, 2017, p. 197, grifo nosso).

Ao afirmar que “a conduta erótica se opõe à habitual assim como o gasto à aquisição”, Bataille sugere que o erotismo não se encaixa nas categorias usuais de comportamento e consumo. Enquanto a sociedade tende a valorizar a acumulação e a posse, o erotismo é caracterizado pela dissipação, pela entrega e pela experiência efêmera. A ideia de que “a nudez arruína a decência que nos damos com nossas roupas” aponta para uma subversão das normas sociais e culturais que governam o comportamento humano. Bataille desafia a concepção de decência e moralidade ao sugerir

que a nudez revela uma verdade mais profunda e primal sobre a natureza humana, que é muitas vezes reprimida e obscurecida pela civilização. A frase final, “a verdade do erotismo é traição”, encapsula a noção de que o erotismo envolve uma ruptura com o convencional, uma quebra de lealdades e uma transgressão das normas estabelecidas. Para Bataille, o erotismo é intrinsecamente ligado ao desejo de desafiar as estruturas de poder e controle, buscando uma liberdade que só pode ser encontrada na transgressão das regras sociais.

Esse desejo com tom de convite estimula o leitor a apreciá-lo como foi escrito, a emancipar-se da moral burguesa, preocupando-se em “sondar um mistério que não é nem mesmo profundo nem talvez menos ‘divino’ que o da teologia”, dissipando uma tensão, ora tediosa, ora aguda, em quem o experimenta (Bataille, 2015, p. 110). As historiadoras vêm à baila em “Cento e vinte dias”, conforme Bataille, para instigarem a consciência libertina e excitar a imaginação sexual dos devassos. Sade (2015, p. 33) explica que “é aceito pelos verdadeiros libertinos que as sensações transmitidas pelo órgão do ouvido são as que melhor imprimem essas impressões mais vivamente; queriam que o prazer penetrasse em seus corações o mais profundamente possível, haviam imaginado uma coisa tão peculiar como essa”⁵. No silêncio da masmorra, despossuído de si mesmo, transformou a consciência clara-distinta sob matizes eróticas e para formá-la “precisou da condição desumana de um prisioneiro”, entretanto, “ele apenas anuncia o complemento da consciência: ele não pôde chegar à plenitude de

⁵ *Es aceptado por los verdaderos libertinos que las sensaciones transmitidas por el órgano del oído son las que halagan más e impresionan más vivamente; en consecuencia, nuestros cuatro criminales, que querían que la voluptuosidad penetrara en sus corazones lo más profundamente posible, habían imaginado a tal efecto una cosa bastante singular* (Sade, 2015, p. 33).

sua clareza (Bataille, 2015, p. 116-117). Com seu pensamento calmo, insistiu e inflamou a animalidade interna à composição orquestrada da desordem dos sentidos, cuja frustração paira sob sua impossibilidade de realizá-la.

A exemplo disso, Drummond (2018, p. 87) discute que a “moral robespierreana sucumbe aos impulsos mínimos e incontroláveis descritos nos textos sadeanos — escandalosos e perversos não são os atos descritos, mas a impossibilidade do personagem sadeano de evitá-los”. A moralidade de Robespierre busca impor limites e reprimir impulsos considerados imorais, com a visão apresentada nas obras de Sade, em que os personagens são dominados por impulsos sexuais e hedonistas. Destaca-se que, enquanto as ações descritas por Sade podem ser escandalosas, o verdadeiro choque reside na impossibilidade dos personagens de evitá-las, sugerindo que a liberdade individual e a expressão dos desejos são mais importantes do que uma moralidade imposta. Isso critica a rigidez moral e o controle excessivo sobre a expressão humana, questionando a viabilidade de uma moralidade universal que negue os impulsos naturais e os desejos individuais.

Para Bataille, o impulso sexual em Sade não se vincula ao benéfico, mas ao caos, ao excesso diante da negação do outro, tendo como reflexo a negação de si que perpassa o prazer pessoal. “Cento e vinte dias” constitui a luta contra o princípio da necessidade, pois todo indivíduo precisa pertencer a alguém ou a algo, seja a Deus, ou instituições de poder como a política. Sade denuncia os abusos dessas instâncias e a desarticula do império da necessidade para possuir unicamente a si mesmo. Cada libertino representa um setor social como a igreja (Bispo), os financiadores, a burguesia (Durcet), a monarquia (o Duque), a república (o Presidente). A crítica à religião é mais latente devido seu caráter manipulador no confronto com qualquer

espécie de moral. Ao dispor os crimes no interior da religião com as punições de Justine, Sade, desobstruiu os caminhos morais enrijecidos da religião para concebê-la como uma máquina de tortura, como um sistema despótico que tem a necessidade de se autoafirmar em uma entidade transcendental, Deus.

Diante disso, Bataille (2017) concebe a negação de si através do outro como uma representação da busca por uma soberania desvinculada de qualquer compromisso. A verdadeira soberania não é o que aparenta ser, sendo apenas um esforço para emancipar a existência humana de sua submissão à necessidade. Para Sade o primordial não é a dor do outro, mas guiar-se pelas leis da Natureza que suplanta qualquer grito ou súplica. Ao ser indiferente à dor do outro, o crime levado às suas últimas consequências passa a ter maior importância, pois a Natureza, móvel do sistema libertino, é indiferente à dor dos homens. O homem soberano de Sade também é súdito, mas não possui nenhuma obrigação, faz parte do movimento que introduziu, superando-o. O desencadeamento do soberano é “livre diante dos outros, ele não é menos vítima de sua própria soberania” (Bataille, 2017, p. 202). Isso deflagra o exercício transgressivo das normas que Sade fez com seu estilo incendiário de escrita, sendo esta, uma das marcas de seu pensamento.

Embora boa parte dos escritos sadeanos sejam ficcionais, solitários, emparedados pelas prisões, não significa que não tenha vivenciado sua filosofia. O Marquês faz parte de um grupo de pensadores que associa vida e reflexão filosófica. Seus libertinos constituíam uma teia de personalidades que versam do severo ao covarde, do coprófago (associação de fezes ao prazer sexual) ao olfatofílico (fetiche por odores fortes). Sade consegue se comunicar com o leitor por meio das fragrâncias putrefatas que exalam de

suas páginas. Dessa forma, “a imaginação de Sade levou ao pior essa desordem e esse excesso. Ninguém, a menos que permaneça surdo, termina os “Cento e vinte dias” sem ficar doente: mais doente é evidentemente aquele que essa leitura excita sensualmente” (Bataille, 2015, p. 114). A leitura do trecho transporta quem o lê para outra dimensão, possibilita múltiplos sentimentos, e até sensações nauseantes.

Thérèse tinha sessenta e dois anos de idade; ela era alta e tão magra que parecia um esqueleto; ele não tinha um único pêlo na cabeça ou um dente na boca e exalava através dessa abertura em seu corpo um fedor capaz de derrubar um cavalo. Sua bunda estava crivada de cicatrizes e suas nádegas eram tão prodigiosamente macias que podiam enrolar-se numa bengala; o buraco nessa linda bunda parecia a boca de um vulcão e, por causa da largura e do cheiro, era um verdadeiro mictório; Como ela disse, nunca em sua vida ela limpou a bunda, onde ainda havia, sem dúvida, merda de sua infância. Quanto à vagina dela, era o receptáculo de toda a sujeira e todos os horrores, um verdadeiro sepulcro cujo fedor desmaiava⁶ (Sade, 2015, p. 50).

Os interditos importavam para o Marquês como a água benta para o piedoso, eram balsamo e inspiração às suas práticas transgressivas. Transgressão e lei vivem em conflito constante, caso não existissem normas, não se poderia transgredir. O que existe é uma transa entre a lei e a transgressão, cujas imagens ou frutos, despertam experiências eróticas. O libertino nunca se satisfaz, sua vida passa a ter sentido somente com a busca

⁶ *Thérèse tenía sesenta y dos años; era alta y tan delgada que parecía un esqueleto; no tenía un solo pelo en la cabeza ni un diente en la boca, y exhalaba por esta abertura de su cuerpo un hedor capaz de tumbar a un caballo. Tenía el culo acribillado de cicatrices y las nalgas tan prodigiosamente blandas que podían enrollarse a un bastón; el agujero de este hermoso trasero se parecía a la boca de un volcán y por la anchura y por el olor era un verdadero orinal; según ella misma decía, jamás en su vida se había limpiado el culo, donde había aún, sin lugar a dudas, mierda de su infancia. Respecto de su vagina, era el receptáculo de todas las inmundicias y de todos los horrores, un verdadero sepulcro cuya fetidez desmayarse* (Sade, 2015, p. 50).

excessiva de prazer. A transgressão desvirgina a lei e a cada coito ocorrem gritos, gemidos, orgasmos, êxtases de prazeres. Segundo Klossowski (1991, p. 21) com a desnaturalização do mundo pelo signo das leis, a transgressão, “é então algo mais do que a pura explosão de uma energia acumulada graças a um obstáculo. É uma incessante recriação do próprio possível – na medida em que o estado de coisas existente eliminou a possibilidade de outra forma de existência”⁷. A filosofia sadeana parte da transgressão da norma existente para levá-la ao apogeu do desencadeamento do prazer.

A soberania de Sade consistia em acreditar que a vida é “a procura do prazer; e o prazer era proporcional à destruição da vida. Dito de outro modo, a vida atingia o mais alto grau de intensidade numa monstruosa negação de seu princípio” (Bataille, 2017, p. 207). Por isso, que a lei energiza as ações do libertino, uma vez que a subverte para alcançar um estado de neutralidade pleno, onde nada o afetará. Encarar a pedagogia libertina somente pela ótica sexual é cometer um atentado contra a obra do Marquês. Muitos personagens transgridem regras e passam por estágios de prazer que não dependem necessariamente do sexo, como pode ser expresso na passagem de “Os crimes do amor” de 1800:

Descendo os degraus que levavam ao pátio, pediu para ver seu filho. Dorgeville, cujo coração nobre e generoso educava a criança com o maior apuro, creu não dever recusar essa consolação. Trazem-lhe a miserável criatura: ela a pega, aperta-a contra o seio, beija-a... depois, logo extinguindo-se os sentimentos de ternura que, amolecendo sua alma, iam, talvez, deixar que penetrassem com demasiado império os horrores todos de sua situação, estrangula a criança com as próprias

⁷ *Transgression is then something else than the pure explosion of an energy accumulated thanks to an obstacle. It is an incessant recuperation of the possible itself - inasmuch as the existing state of things has eliminated the possibility of another form of existence* (Klossowski, 1991, p. 21).

mãos. – Vás – ela diz, atirando-a –, não vale a pena que vejas a luz do dia para que só conheças a infâmia, a vergonha e o infortúnio: que não reste sobre a terra nenhum traço de meus crimes, e que te tornes sua última vítima. Depois dessas palavras, a celerada atira-se no carro do oficial. Saint-Surin segue amarrado a um cavalo e, no dia seguinte, às cinco horas da tarde, essas duas execráveis criaturas perecem em meio a assustadores suplícios que lhes reservavam a cólera do céu e a justiça dos homens (Sade, 2014, p. 155).

Diante disso, Bataille (2015) descreve que o horror moral intensifica a dor, exemplificado pela mãe que, movida por astúcia e terror, assassina seu filho. Esses gritos e o derramamento de sangue, imersos em um ambiente repugnante, contribuem para a sensação de náusea. Essa experiência supera, oprime e causa uma emoção semelhante a uma dor intensa, capaz de desintegrar e até mesmo destruir. A intensificação da dor emocional diante de ações moralmente repugnantes, como o assassinato de um filho pela própria mãe. Essa sensação de repulsa moral é agravada pela consciência dos atos transgressores, como os retratados por Sade, que desafiam as normas sociais e morais com violência se distanciando em muitos textos da perversão sexual. Assim, Bataille sugere que a experiência do “horror moral”, quando confrontada com atos extremos de transgressão moral, pode gerar uma náusea profunda e uma emoção desintegradora, semelhante a uma dor aguda, que, em última análise, pode ser fatal para a psique humana.

5. Libertinismo: a materialização do imperativo Kantiano

A admiração de seus escritos não o torna soberano, conforme Bataille, tornar os escritos sadeanos encantadores, ou seja, não consiste em adoçar sua linguagem, transmutando-a para o plano do cálculo que foi prodigiosamente contrário. Em consequência disso, sempre ultrajada pela

razão e enclausurada pelo mundo do trabalho, a violência em Sade fala, “assola sem piedade: dadas as condições, os mesmos homens pilham e incendiam, matam, violam e suplicam. O excesso se opõe à razão” (Bataille, 2017, p. 212). Aponta-se a um questionamento: “o homem carregaria em si a irreduzível negação daquilo que, sob os nomes de razão, de utilidade e de ordem, fundou a humanidade?” (Bataille, 2017, p. 211). Pode-se dizer ainda, que as atitudes bárbaras e até a morte, foram legitimadas pela imposição de normas irrefletidas? Kant, o homem normal, cogita a extinção da violência ou planeja a coabitação com tragédias ambientais, assassinos em série, excesso, depressão, angústia e mentiras. Não obstante sua linguagem limitar-se devido às exigências do discurso racional, o tempo eterniza a violência. O duelo entre o civilizado e o bárbaro funde-se na ótica batailliana à luz das perversões e vozes libertinas.

As imagens escatológicas sadeanas inspiraram Adorno e Horkheimer (1985, p. 85) a escreverem *Juliette ou o Esclarecimento moral*, tendo em vista que

a filosofia, da crítica de Kant à “Genealogia” de Nietzsche, proclamara-o; só um desenvolveu-o em todos os pormenores. A obra do Marquês de Sade mostra o ‘entendimento sem a direção de outrem’, isto é, o sujeito burguês liberto de toda tutela.

O libertinismo é a realização do imperativo kantiano, pois a lei moral que consiste na universalização inscrita no próprio sujeito do que é bom para si mesmo e ao outro. Por ser formal não tem uma realização empírica. Cabe qualquer conteúdo e o homem pode desobrigar-se e inserir a realização do próprio mal. Os frankfurtianos e Bataille convergem em relação à obra de Sade, que oferece uma crítica contundente da razão prática. Essa crítica é tão profunda que faz a obra do “tritador universal” parecer uma negação

de seu próprio pensamento, elevando o princípio cientificista a um nível de destruição (Adorno; Horkheimer, 1985). O imperativo da máxima universal e moralizadora de Kant teve sua culminância na materialização do desencadeamento do prazer como prática universal na escola libertina de Sade.

Para Adorno e Horkheimer representar o quadro de perversões dos “Cento e vinte dias” ou das duas jovens irmãs – Juliette e Justine – desvela a origem do mal na modernidade e uma racionalidade avessa à virtude, cuja crueldade necessitasse de práticas criminosas para emancipar-se. Nas palavras de Sade: “a fisionomia dessa jovem era, em tudo, diferente da de Juliette; o tanto que se via de malícia, picardia, coquetismo nos traços de uma, admirava-se de pudor, delicadeza e timidez na outra” (Sade, 2008, p. 22). O comportamento de Juliette não é visto como natural, mas sim como a transgressão de um tabu, desafiando constantemente a moral vigente. Ela não busca impulsos psicológicos desinibidos ou retraídos, mas sim um gosto intelectual pela regressão, um “*amor intellectualis diaboli*”, encontrando prazer em desafiar a civilização usando suas próprias armas. Juliette valoriza o sistema e a coerência, e domina habilmente o instrumento do pensamento racional (Adorno; Horkheimer, 1985).

Devassa, libertina e individualista, Juliette não guia suas ações por princípios morais. Para ela, apenas o que é tangível à consciência merece atenção. Ela rejeita qualquer veneração cuja racionalidade não possa ser comprovada, como a fé em Deus e em seu filho, a obediência aos dez mandamentos e a superioridade do bem sobre o mal, da salvação sobre o pecado. Juliette é atraída pelas reações que são proibidas pelas tradições da civilização (Adorno; Horkheimer, 1985).

Diante disso, Sade (2008) expressa sua convicção de que, se de fato

houvesse um deus, a quantidade de mal presente na Terra seria significativamente reduzida. No entanto, como o mal persiste, Sade levanta duas possibilidades: ou esse deus permite as desordens e sofrimentos como parte de um plano divino, ou é incapaz de impedi-los, o que o tornaria fraco ou perverso aos olhos do autor. Sade incorpora à personagem a renúncia aos padrões, o deboche ao pensamento religioso, a lealdade à ciência e à razão, e asco a qualquer forma de superstição.

Os frankfurtianos entenderam que o indivíduo para ser reconhecido socialmente pretende suplantar o outro, levando-o ao extremo, podendo inclusive, aniquilá-lo. Sade ajuda a compreender as relações sociais capitalistas não pelo véu dos costumes, mas pela esteira da competitividade, das relações mercadológicas que enfeitiçaram a vida, cadaverizando-a. Embora Sade faça esse diagnóstico do indivíduo burguês, o libertinismo, não se olha no espelho como crítico de si, das voluptuosidades sexuais. Sade vê-se tragado pela imagem do terror que ele projetou, vive assombrado por espectros dos calabouços que percorreu. Como se sua obra estivesse imiscuída tanto a constatação da perversidade quanto seu fetiche. Adorno e Horkheimer (1985) elucidam que Juliette representa uma articulação do movimento do Esclarecimento, cuja quebra dos tabus outrora ligada à revolução burguesa não resultou em uma nova compreensão da realidade. Em vez disso, coexiste com a ideia de um amor sublime, que agora se concentra na fidelidade a uma utopia mais tangível, onde o prazer físico se torna acessível a todos.

Toda disciplina do sexo, que é a concepção de um corpo estranho, corpo regulado por procedimentos sexuais e eróticos, teria sua representação no prazer em destruir a integridade moral do outro ao divulgar imagens e/ou

vídeos íntimos, na instrumentalização do corpo que movimenta valores suntuosos na indústria pornográfica. O cliente desse mercado se frustra, mas nunca irá possuir o objeto do desejo, irá possuir somente cenas tediosas, berrantes e adestradas pelo ângulo da câmera, cuja posição simula a sensação de prazer. O excesso de maquiagem, advindo dos padrões celebrados, os quais as regras da indústria impõem, legitima a reprodução instantânea do belo, e conseqüentemente, a monotonia da consciência, uma vez que não há nada de novo para admirar.

Os trailers, anúncios, comerciais, apenas robustecem a ideia de que dor e prazer se encontram na indústria cultural e, diante disso, persiste uma questão que salta dos textos sadeanos: na medida em que o indivíduo burguês possui indiscriminadamente a permissão para exceder limites, também representa a fraqueza, a submissão, aquele que precisa se reprimir para alcançar um status nessa volúpia social. O agressor é vítima do sadismo, pois, sofre ao não se realizar. Assim, ao fazer mal ao outro, o indivíduo, agride a si mesmo, tem-se, a síntese dilacerante, o sadomasoquismo. O prazer se restringiu à mecânica da instrumentalização do corpo em detrimento da satisfação normativa. Exemplo disso são as boates, onde há práticas sodomitas em meio a um desregramento complexo de todos os valores civilizacionais. O cálculo do corpo é pensado nos focos de mercado, as partes do corpo se tornaram objetos nas prateleiras de um *sex shop*.

Essa castração social pode ser encontrada na obra do Sade, contudo não abrange a inteireza do seu erotismo. As análises de Adorno e Horkheimer se limitam em vê-lo a partir de uma dialética da maldade, no entanto, é preciso versar sobre uma interpretação erótica nos termos bataillianos. Leitores normais irão conceber Sade sob a ótica repugnante,

mas as estratégias midiáticas não se apropriaram de sua sagacidade libertina imaginária, não cooptaram a literatura sadeana. Quem sobrevive no século XXI é o Sade das escrituras, da força erótica, haja vista que a relação entre crueldade e erotismo representada na obra é inoperante.

Conforme Bataille (2015), Sade tinha a intenção de revelar à consciência humana a verdadeira natureza do homem, através da exploração do sonho libertino. Para Sade, o sonho libertino envolve viver a união entre sujeito e objeto, transcendendo os limites tradicionais que separam o desejo do desejado. Isso implica a dissolução das fronteiras entre o sujeito que deseja e o objeto do desejo, levando a uma identificação direta entre eles. Essa visão desafia as noções convencionais de identidade e separação entre o sujeito e o mundo externo. Ao transcender essas fronteiras, Sade busca explorar a experiência do desejo de uma forma radical, onde o sujeito não apenas busca satisfazer seus desejos, mas também se funde com o objeto do desejo, vivenciando uma experiência de unidade e totalidade.

Então, “Deve-se Queimar Sade?”. A queima das obras de Sade não é apenas um ato de repressão à liberdade de expressão, mas também uma negação da complexidade humana e das diferentes perspectivas sobre moralidade e prazer. Um dos motivos para queimar as obras de Sade, de acordo com Beauvoir, está relacionado à sua representação franca e explícita do desejo humano, muitas vezes envolvendo atos considerados moralmente desencadeados e repugnantes, como o sadismo e a violência sexual. Essas representações chocantes foram vistas como uma ameaça à ordem social e moral vigente, levando à censura e à supressão de suas obras. Sua escrita provocativa e subversiva representava uma ameaça para aqueles que detinham o poder, levando à sua censura e marginalização. Todavia,

Beauvoir (1961) argumenta que a queima, a proibição ou a crítica infundada das obras de Sade é uma tentativa fútil de negar a realidade do desejo humano e da diversidade de perspectivas sobre o que é moralmente aceitável. Portanto, a verdadeira resposta ao questionamento sobre se se deve queimar Sade reside na aceitação da complexidade humana e na promoção do diálogo aberto e respeitoso sobre temas difíceis e controversos.

Referências

ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BEAUVOIR, Simone. Deve-se Queimar Sade? In: *Novelas do Marquês de Sade*. Trad. Augusto de Souza. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.

DRUMMOND, Washington. Heterologia e sujeito em George Bataille. *In*: MIRANDA, Aparecida dos Santos. (org.) O que pode a literatura? Alagoinhas: Bordô-Grená, 2018. Disponível em: https://www.editorabordogrena.com/_files/ugd/d0c995_bb6c7dd5139d4147990283c27f25f64e.pdf#page=82. Acesso em: 19 mar 2024.

KLOSSOWSKI, Pierre. *Sade My Neighbor*. Trad. Alphonso Lingis. Northwestern University Press, 1991.

MORAES, E. R. Um outro Sade. *In*: SADE, Marquês de. Os crimes do amor. Trad. Magnólia Costa Santos. Porto Alegre, RS: L&PM Pocket, 2014.

SADE, Marquês de. *120 dias em Sodoma*. Trad. Maurice Millet. 3ª ed. México: Editorial Lectorum, 2015.

SADE, Marquês de. *Os crimes do amor*. Trad. Magnólia Costa Santos. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2014.

SADE, Marquês de. *A Filosofia na Alcova*: ou, Os Preceptores Imorais. Trad. Augusto Contador Borges, São Paulo: Editora Iluminuras, 2013.

SADE, Marquês de. *Os infortúnios da virtude*. Trad. Celson Mauro Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2008.